

Depois da beatificação, a cidade em ritmo de fé



Somente até o final de outubro passado, a outrora tranquila cidade de Anchieta tinha recebido em torno de 18 mil pessoas interessadas em conhecer a vida e a obra do padre José de Anchieta, recentemente beatificado

pela papa João Paulo II. As previsões indicam que, para 1981, mais de 50 mil fiéis vão fazer o mesmo, acabando de uma vez por todas com o clima de visível calma do lugar.

Resultado de um processo que durou 363 anos, a beatificação do padre José de Anchieta teve seu selo comemorativo lançado essa semana em Vitória, como parte de um programa da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos que planeja anualmente difundir diversos vultos nacionais. Além do selo foi lançado também o carimbo que será utilizado somente no Espírito Santo e em São Paulo no período de 8 a 14 de dezembro.

O selo foi desenhado por Martha Poppe responsável pelo setor de arte da Assessoria Filatélica do Rio de Janeiro, que procurou Anchieta numa cena já clássica em que o jesuíta descreve o Poema Da Virgem Maria nas areias de Iperoig, praia do litoral paulista. No selo a desenhista detalhou a presença do indígena em atitude contemplativa à ação do padre, tendo ao fundo algumas gaivo-

tas, como uma pousada no ombro de Anchieta, representando seu carisma.

O selo será vendido a Cr\$ 5,00 (cartas simples) e tem uma dimensão de 24 por 26 milímetros. Foi feito em papel Couché fosforescente gomado, para uma impressão em off-set pela Casa da Moeda do Brasil. Cada folha terá 50 selos que terão uma dimensão do picote de 29 por 41 milímetros, além de terem um prazo de recolhimento de dois anos.

A desenhista é carioca formada em pintura pela Escola Nacional de Belas Artes, em 1963. Já participou de várias exposições nacionais e hoje trabalha para editoras, fazendo também ilustrações para jornais e revistas. Entre os vários selos que já desenhou, destaca-se o do Ano Internacional da Mulher, considerado o mais bonito de 1975, em votação popular.

Os comerciantes gostam dos resultados e, além de terem aumentado o número de vagas nos hotéis, lançaram novos loteamentos, exigindo a pronta pavimentação da rodovia que liga o

município a Guarapari. A Igreja está satisfeita com as manifestações de religiosidade do povo mas reclama da comercialização que já começa a distorcer os objetivos da beatificação do padre.

Texto de Daniel Lopes

Anchieta, uma tranquila e agradável cidade do litoral a 105 quilômetros de Vitória, onde ficam algumas das mais belas praias do Espírito Santo, está mudando.

Nos fins de semana, principalmente aos domingos, ela perde o seu costumeiro ar de calma e dá lugar a um surpreendente movimento. São centenas de pessoas que chegam de vários pontos do País para conhecer um pouco da vida e da obra do padre José de Anchieta, beatificado recentemente pelo papa João Paulo II.

Mesmo antes, muita gente ia a Anchieta. No ano passado foram 13.000 pessoas, segundo o irmão Elias Pereira de Macedo, que há três nos é o responsável pelos serviços de manutenção e conservação do Museu Anchietano. Até o final de outubro, sem contar, naturalmente, quem esteve na festa da beatificação, 18 mil visitantes viram restos mortais e objetos pessoais de Anchieta.

No ano que vem esse número deve dobrar, mesmo que as condições das estradas que dão acesso à cidade continuem ruins, como agora. A expectativa, porém, é de que o Governo do Estado conclua um trecho de asfalto de 18 quilômetros, continuando a Rodovia do Sol e indo de Meáipe até Anchieta. Se isso acontecer, fatalmente vai crescer geometricamente a quantidade de visitantes.

— Por enquanto as pessoas vêm de manhã e vão embora à tarde. Elas têm

irritar profundamente os membros da Igreja, inclusive o irmão Elias Pereira de Macedo.

— O desvirtuamento é que nos preocupa. Há tendência de certos tipos comerciais e políticos de se aproveitarem do nome de Anchieta. Não quero julgar ninguém. Não quero polêmica, já fui incompreendido por isso. Mas é certo que despertaram para isso, abrindo pequenos comércios, aumentando compartimentos nas casas, mais vagas nos hotéis. Não fazem isso pela Igreja, mas para acolherem as pessoas — pondera ele.

SANTUÁRIO NACIONAL

O objetivo dos religiosos que atuam em Anchieta é transformar a Igreja de Nossa Senhora da Assunção e o Museu Anchietano, ambos tombados pelo Patrimônio Histórico Nacional, em Santuário Nacional, a exemplo de Aparecida do Norte, em São Paulo, Juazeiro, no Ceará, e Senhor do Bonfim, no interior da Bahia.

Pensando nisso, o irmão Elias Pereira de Macedo passou a observar com mais cuidado o volume de visitantes e tentar registrar os seus nomes em um livro específico. Se o número for realmente muito elevado, pretende encaminhá-lo ao arcebispo de Vitória, dom João Baptista da Mota e Albuquerque. Daí em diante seria encaminhado um pedido oficial à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil — CNBB — para proclamar Anchieta um santuário nacional.

— Tenho fé em que isso aconteça. Se

versos na areia com uma pequena vara. Ali, olhando para a Ilha dos Franceses, no horizonte longínquo, dizem, ele cataquizou muitos índios, convenceu muitos senhores, fez inúmeros milagres, curou dezenas de pessoas, ouviu centenas de confissões.

O quarto onde ele passou seus últimos dias fica atrás da igreja, num dos pontos mais altos da idade. É pequeno, alguma coisa em torno de 12 metros quadrados, com uma porta pesada de entrada e uma grande janela em frente, dando vista para o rio Benevente, que corre para o mar e para alguns morros verdejantes mais ao longe, em direção ao distrito de Iri e ao município de Piúna.

A igreja, cuja construção foi iniciada por ele, sofreu várias ampliações reformas e restaurações. Agora mesmo técnicos especializados trabalham nas paredes externas para evitar algum dano maior. Depois de tombada pelo Patrimônio Histórico, todas as imagens raras, algumas do século XVI, foram levadas para um quarto seguro, também nos fundos.

Estão expostas ao lado de documentos históricos, peças da época, móveis e objetos pessoais. Há muito cuidado — as portas são de grade e existe cadeado — mas os responsáveis não acompanham os visitantes e, supõe-se, dificilmente conseguiriam impedir um furto, já que seria impossível descobrir a olho nu se um dos presentes retirara discretamente alguma peça menor.